

## ESPAÇO GEOGRÁFICO E EXISTENCIALISMO: LEITURA DE SARTRE EM MILTON SANTOS

**José Alexandre Berto de Almada**

Mestrando em Geografia – PPGGe-UFRN – UFRN. CCHLA. Departamento de Geografia – Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. Campus Universitário, s/n – Lagoa Nova – Natal/RN. Cep:59078-970. E-mail: xande.almada@hotmail.com

### Resumo

As décadas de 1960 e 1970 marcam o início da aproximação da ciência geográfica com o marxismo. A obra *Por uma Geografia Nova*, de Milton Santos, é um importante marco na geografia brasileira dentro do contexto de renovação do pensamento. O conjunto da obra do professor Santos também incorporou elementos de outras matrizes filosóficas, uma delas é o existencialismo sartreano, presente em maior destaque na obra *A Natureza do Espaço*, tendo em vista essa perspectiva, o presente artigo pretende acrescentar algumas palavras na seara dessa discussão, tentando aproximar o conceito de espaço geográfico, proposto por Milton Santos e os elementos basilares do existencialismo de Sartre.

**Palavras-chave:** Espaço geográfico; existencialismo; Milton Santos.

### Abstract

The 1960s and 1970s marked the beginning of the approach of geographic science with Marxism. The book *Por uma Geografia Nova* of Milton Santos, is an important milestone in brazilian geography within the context of renewal of thought. The whole work of Professor Santos also incorporated elements of other philosophical matrices, one of them is the sartrean existentialism, this further highlights the work *A Natureza do Espaço*, given this perspective, this article aims to add a few words on the likes of this discussion, trying to bring the concept of geographical space, proposed by Milton Santos and the basic elements of Sartre's existentialism.

**Keywords:** Geographical space; existentialism; Milton Santos.

### Introdução

Durante décadas de 1960 e 1970, na ciência geográfica, inicia-se o processo de rompimento do pensamento neopositivista que balizou a *new geography*, no qual ocorre a aproximação do método marxista nos trabalhos geográficos, tendo destaque na França as obras *Geografia Ativa*, e Pierre George, Yves Lacoste, Bernard Kayser e Raymond Guglielmo, publicada em 1966 e posteriormente *A Geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer guerra*, de Yves Lacoste, publicada originalmente em 1976, na Itália, *Marxismo e Geografia*, publicada em 1974 por Massimo Quaini; na

Inglaterra, *Justiça social e a Cidade*, de David Harvey, publicado em 1973.

A obra *Por uma geografia nova*, publicado em 1978, de Milton Santos, também está inserida nesse contexto de renovação do pensamento geográfico. O conjunto da obra de Santos foi além de uma aproximação da geografia com o marxismo, pois, a sua dedicação à ciência geográfica permitiu incorporar elementos oriundos de outras matrizes filosóficas, uma delas é o existencialismo sartreano, alvo de controvérsia entre os pensadores marxistas, principalmente os que seguem a linha de pensamento de Lefebvre e Lukács.

A obra *A natureza do espaço*, também de Santos, publicada em 1996, apresenta-se como uma importante obra para análise do espaço geográfico, com nítida influência do existencialismo. Tendo em vista essa perspectiva o presente artigo pretende acrescentar algumas palavras na seara dessa discussão, tentando aproximar o conceito de espaço geográfico, proposto por Milton Santos e os elementos basilares do existencialismo de Sartre.

### **Espaço geográfico, objeto e ações.**

A geografia nova situa o foco da análise geográfica o espaço geográfico, esse conceito que ao longo da obra de Milton Santos pode ser definido enquanto um sistema de ações indissociável do sistema de objetos<sup>1</sup>.

Essa concepção do espaço afasta da análise o dualismo na interpretação geográfica, que tínhamos de um lado o homem e no outro o meio, como “[...] resultado de uma interação entre o homem e a natureza bruta [...]” ou ainda enquanto uma soma de partes, um “[...] amálgama formado pela sociedade de hoje e o meio ambiente”. (SANTOS, 2012b, p. 30).

O espaço geográfico só pode existir na relação indissociável entre objetos e ações: “[...] a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho”. (*ibidem*, p.30). A natureza e a sociedade enquanto objetos, de origem natural e social, e o trabalho enquanto ação premeditada pelo pensamento, e o “[...] Trabalho representa o ato de objetivação da essência humana, e assim produz o mundo (meio) e ao homem em sua humanidade”. (MARTINS, 2007, p. 46).

Sobre a objetividade da ação só podemos atribuir a essa característica ao homem, como ressalta Milton Santos, ao afirmar que “Só o homem tem ação, porque só ele tem objetivo, finalidade. A natureza não tem ação porque ela é cega, não tem futuro. [...]” (SANTOS, 2012a, p. 82).

A finalidade de uma ação resultante na construção de objetos possui uma essência a ser materializada em existência, na perspectiva existencialista, a essência dos objetos fabricados pelo homem precede sua existência.

Refletindo sobre o espaço geográfico, Gomes (2010, p.171-172), faz uma argumentação pertinente à discussão, vejamos:

<sup>1</sup> Milton Santos aborda esse tema na obra *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção* as características ontológicas do espaço geográfico levando a conceituação do espaço enquanto um híbrido entre ações e objetos.

Em primeiro lugar, o espaço geográfico é sempre uma extensão fisicamente constituída. [...] Ele é composto do dialético mantido entre a disposição física das coisas e as ações ou praticas sociais que aí têm lugar.

Em segundo lugar, essa disposição física das coisas materiais, ou mais precisamente essa ordem espacial, possui uma lógica ou uma coerência. É justamente a interpretação dessa lógica do arranjo espacial e de seus sentidos que compõem o campo fundamental das questões geográficas: por que as coisas estão dispostas no espaço dessa maneira? Qual o significado e as consequências de tal ordem espacial?

Sendo o espaço geográfico, como afirma Gomes, “sempre uma extensão fisicamente constituída”, essa é a dimensão que correspondem aos objetos, que podem ser, como mencionado a pouco, de ordem natural ou socialmente construídos, porém, ambos são compostos e mantidos relação com as ações, sempre de maneira indissociável, pois, necessita do outro para existir, ampliando a discussão sobre essa relação, vemos que “os objetos não têm realidade filosófica, isto é, não nos permitem o conhecimento, se os vemos separados dos sistemas de ações. Os sistemas de ações também não se dão sem os sistemas de ações” (SANTOS, 2012a, p. 63).

Os objetos veem ao mundo pelas ações, e os objetos são as formas materiais para que as ações possam vir ao mundo, para exemplificar essa passagem, podemos pensar em um martelo, um objeto construído por uma ação dotada de finalidade, de uma essência pretérita a sua existência, a ação de construir o martelo, esse objeto por sua vez serve à outras ações, a ação de martelar.

A ação de construir envolve uma série de técnicas que podem variar de acordo com sua situação histórica e sempre necessita de uma realidade geográfica para existir, ou seja, de um sistema de objetos e de ações.

Mesmo nesse exemplo a construção do martelo não deve ser pensada de maneira isolada do contexto geográfico de sua existência, pois, pois tanto o martelo quanto e as ações que envolvem sua construção e utilização estão inseridas numa lógica sistêmica, sobre esse ponto, Milton Santos (2012a, p.73) reforça que

o enfoque geográfico supõe a existência dos objetos como sistemas e não apenas coleções: sua utilidade atual, passada ou futura vem exatamente do seu uso combinado pelos grupos humanos que os criaram ou que os herdaram das gerações anteriores. Seu papel pode ser apenas simbólico, mas geralmente é também funcional.

Os objetos existindo enquanto sistema, e não como coleção, nos revela que a cada situação histórica os objetos possuem funções específicas, em um dado momento podem ser mais importante para ordem espacial e em outro não, ao mesmo tempo em que a sua funcionalidade muda com passar o tempo, o seu significado também muda.

O conhecimento prévio da serventia de um objeto nos indica uma dada ordem espacial, insistindo no exemplo do martelo, umas das primeiras ferramentas feita pelo homem e que hoje são fabricados de acordo com a lógica industrial, otimizados pela racionalidade da ciência e da técnica, a exemplo temos a centenária indústria Tramontina<sup>2</sup>, especializada na fabricação dos mais diversos objetos feitos a partir do ferro e da ação, desde talheres domésticos a ferramentas para a construção civil, justamente neste último setor há a subdivisão da fábrica, a Tramontina Pro, que segundo a própria empresa é uma linha especializada em ferramentas profissionais para os segmentos de manutenção industrial e automotiva, nesta são fabricando doze martelos e marretas, cada um com um uso bem específico, fabricado com técnicas específicas.

Num exercício de imaginação podemos deduzir uma ordem espacial em virtude da fabricação dos martelos e marretas, fabricados a partir do ferro (e outras ligas metálicas), da madeira e da borracha. Sobre isso é possível levantar a seguinte questão: qual é a realidade geográfica que precisa existir no mundo para que os martelos sejam fabricados?

Nesse questionamento percebemos a complexidade do espaço geográfico, enquanto sistema, pois podemos imaginar que no processo produtivo há minas de ferro, indústrias siderúrgicas e petroquímicas, madeireiras, estruturas viárias para escoamento da produção, a própria fábrica da Tramontina, centros de distribuição, supermercados, lojas especializadas em ferramentas ou qualquer outro comércio do gênero, indústria alimentícia, agroindústria e produtores agrícolas para fornecer a alimentação dos inúmeros funcionários envolvidos nos processos extração, produção, distribuição e comercialização dos martelos, e também, usinas geradoras de energia elétrica, e redes de distribuição de energia, condição fundamental para execução de todas as etapas do processo produtivo.

Além dessa questão direta, podemos levantar questões indiretas, mas, igualmente importantes: Onde moram os funcionários? Onde se formou a mão-de-obra especializada? Qual a demanda do mercado pelas

<sup>2</sup> As informações sobre a fábrica da Tramontina e seus produtos podem ser conferidas em seu *site* oficial: <http://www.tramontina.com.br/>.

mercadorias? Em quais lugares do Brasil ou do mundo podemos encontrar martelos e marretas Tramontina?

Poderíamos elencar uma lista quase interminável das mais variadas questões espaciais sobre a, aparentemente, simples existência de um martelo no espaço geográfico. Ressaltando que o martelo existe exclusivamente para atender a necessidade da existência humana, uma vez que sua existência é posterior a sua essência, ou seja, sua construção está diretamente relacionada com sua funcionalidade.

Retomando a discussão, vemos que a característica indissociável do espaço geográfico só é possível com a existência humana e pela existência humana, pois, é o objetivo da ação presente em cada indivíduo que nos separa da natureza, uma vez que “a ‘natureza’ não pode operar seguindo a mesma finalidade do ser humano” a natureza opera na contingência “[...] por quê? Não há porque. A flor não sabe que é flor. Nem a morte que morre” (LEFEBVRE, 2007, p. 70, tradução livre). A ação humana, com finalidade, na ontologia do ser social em Marx remete à ideia de trabalho, esse é o “que diferencia as qualidades específicas do homem frente aos demais seres do reino animal. [...] Isto porque o homem constrói mentalmente o objeto que busca obter, antes de partir para a sua construção material”. (MORAES; COSTA, 1993, p. 75).

Corroborando com a premissa existencialista que permeia os objetos socialmente construídos temos um alusivo exemplo de Sartre (2012, p. 18) sobre a construção mental dos objetos mediados pela técnica:

Quando consideramos um objeto fabricado, como um livro, ou um corta-papel, por exemplo, esse objeto foi fabricado por um artífice, inspirado em um conceito; ele tinha como base o conceito de corta-papel e, também uma certa técnica de produção anterior que faz parte do conceito e que, no fundo, é uma fórmula. Desse modo, o corta-papel é simultaneamente um objeto que se produz de determinada maneira e que, por outro lado, possui uma utilidade definida, e não se pode supor que um homem produza um corta-papel sem saber para que tal objeto serve.

O espaço geográfico, sendo objetos e ações, com o avanço da ciência, da técnica e da informação transformaram o planeta, uma esfera dominada pelas criações sem finalidade da natureza, no mundo humano dominado por ações e objetos com finalidades prévias à sua existência uma vez que “o mundo do homem é aquele que nós fazemos e nos faz, onde fazemos a partir de nós, a partir do que fizemos alguma coisa que refletirá e que fará os outros” (SARTRE, 2003, p. 39).

Se na filosofia existencialista o homem não está pronto, uma vez que “ele se faz; ele não está feito de antemão [...]” (SARTRE, 2012, p.38) então o espaço geográfico também não está pronto, está por se fazer, pois,

as existências são manifestações particulares do ser; este geneticamente precede a existência, como fonte de sua possibilidade. As existências são uma técnica em funcionamento, um objeto operacionalizado, uma ação historicizada e geografizada, uma norma em vigor como resultado de um jogo de forças possível, em um dado momento e lugar. (SANTOS, 2012a, p. 124).

A existência do ser é dada como possibilidade de escolha, essa, de acordo com Sartre (2012) condena o ser à liberdade, uma vez que “a escolha é possível em um sentido, mas o que não é possível é não escolher. Eu sempre posso escolher, mas tenho que saber que se não escolho isto também é uma escolha”. Não há como pensar condenação sem se pensar no local onde esta será realizada, a prisão, Raffestin (1993, p.144) nos fala que “o espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si”. Concordamos em parte com Raffestin, pois, não é apenas o território uma prisão construída para assegurar a condenação da liberdade do homem, mas a totalidade do espaço geográfico, a prisão existencial da essência humana, uma vez que não há forma de existir no mundo fora do mundo, toda existência é no mundo, no espaço geográfico. Dessa forma, “[...] o homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser” (SARTRE, 2013, p. 678).

Num exercício de imaginação, se a humanidade deixasse de existir levaria consigo o espaço geográfico, o mundo, restando apenas o planeta com objetos desprovidos de ações humanas para animá-los, completar o geográfico do espaço.

Ao surgir no mundo, não podemos imaginar o ser em um solipsismo, em que só há objetos na sua extrema relação da dimensão do para-si, ou seja, há uma situação histórica antecedente, um universo de objetos e ações que já estão, de certa forma, prontos quando surgimos no mundo.

A situação histórica do mundo, a herança dos objetos passados que permanecem no presente revela que Santos chama de rugosidade, pois o espaço “[...] testemunha um *momento* de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas

na paisagem criada.” (SANTOS, 1986, p.138), porém, “as rugosidades não podem ser apenas encaradas como heranças físico-territoriais, mas também como heranças socioterritoriais ou sociogeográficas.” (SANTOS, 2012a, p.43).

Em Sartre encontramos uma passagem que ilustra essa questão da existência em dada situação, onde somos condenados à liberdade em uma prisão espacial:

[...] a realidade humana *recebe* originariamente seu *lugar* no meio das coisas – a realidade humana é aquilo pelo qual algo como sendo um lugar vem às coisas [...], existo meu lugar, *sem escolha, também sem necessidade*, como puro fato absoluto de meu ser-aí. Sou aí: não aqui, mas aí. Eis o fato absoluto e incompreensível que está na origem da extensão e, conseqüentemente, de minhas relações originais com as coisas (com estas coisas, mais do que com aquelas outras). (SARTRE, 2013, p. 603-604)

A facticidade de ser-aí e não aqui, coexistindo com o passado materializado no presente pelas formas nos mostra a liberdade enquanto “escolha de um fim em função do passado, reciprocamente o passado só é aquilo que é em relação ao fim escolhido” (SARTRE, 2013, p. 612).

Minhas ações, no presente, se dão sobre objetos do passado, e revelam minha intencionalidade para o futuro, nesse sentido encontramos com “o Mundo [...] um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares” (SANTOS, 2012a, p. 337).

### Ser-no-espaço, ser-do-espaço

A espacialidade do ser, de ser-aí, de estar-no-mundo numa leitura geográfica pode ser interpretada como ser-no-espaço que é ao mesmo tempo ser-do-espaço, pois, ao ser no espaço geográfico tenho que ser com minhas ações sobre os objetos e com outros indivíduos, uma vez que,

[...] ao nascer, eis-me habitando uma morada material marcada pela práxis dos outros (fins impressos na matéria trabalhada pelos projetos dos homens que me precederam), já encontro o campo de tensão provocado pela escassez, já deparo com os efeitos das múltiplas ações individuais isoladas e antagônicas” (PERDIGÃO, 1995, p.193).

O que encontro ao nascer nada mais é que o próprio espaço geográfico marcado pela antinomia temporal que “tudo o que existe articula o presente e o passado, pelo fato de sua própria existência” (SANTOS, 1986, p. 205).

Existir em articulação com o passado e o presente nos indica que ser no mundo é ser em uma dada *situação*, tendo em vista que

“Sou um existente *no meio* de outros existentes. [...] Minha posição no meio do mundo, definida pela relação de utilidade ou de adversidade entre as realidades que me circundam e minha própria facticidade, ou seja, a descoberta dos perigos que corro no mundo, dos obstáculos que nele posso encontrar, das ajudas que podem me ser oferecidas [...]” (SARTRE, 2013, p.671-672)

Ser em uma dada situação é ser no espaço geográfico, em um dado sistema de objetos e ações, que conferem a cada indivíduo a possibilidade de escolhas, definir um projeto existencial, seja em conformação com a situação ou de indignação com os obstáculos de dada situação.

A liberdade nos obriga a escolher ser de uma dada maneira no mundo, e

[...] a escolha projeta o homem para fora de si. A escolha lança o homem ao mundo. Rigorosamente o põe no mundo, o que significa estar-no-mundo. O que remete ao sentido do ser-aí, o que para a ciência geográfica soa mais costumeiramente como a relação homem-meio. (MARTINS, 2007, p. 44)

O sentido de ser-aí, de estar-no-mundo o que Martins chama a atenção que na ciência geográfica soa como a relação do homem-meio é que estamos falando de ser-no-espaço que também é ser-do-espaço, uma vez que os indivíduos que compõem a sociedade, produzem o espaço geográfico, uma relação dialética com as formas e funções pretéritas com o vir-a-ser-do-espaço.

A dialética do espaço, na articulação entre o passado e presente, pode ser encontrada a partir da “noção de *prático-inerte* introduzida por Sartre” no qual, “o processo social está sempre deixando heranças que acabam constituindo uma condição para as novas etapas” (SANTOS, 2012a, p.140), ainda sobre esse ponto, Perdigão (1995) nos explica que estamos cercados por um “campo material *prático*, porque introduzido pela ação prática de outros homens; e também *inerte*, porque as práxis anônimas acham-se coaguladas em

puro passado [...]”. Dessa maneira, o espaço geográfico nunca poderá ser algo definitivamente pronto, pois, ao nascer encontro um mundo existente, porém não finalizado, uma totalização em curso, pois é no existir do indivíduo, da totalidade dos indivíduos que o mundo vai se fazendo, se constituindo, nesse movimento há o espaço que “[...] permite a sociedade global realizar-se como fenômeno” (SANTOS, 2012a, p. 119.).

## Espaço, totalidade em movimento

O espaço geográfico é o objeto de estudo da ciência geográfica, mas de que forma podemos acrescentar a filosofia existencialista na análise geográfica? Um passo é entender qual é o objetivo da ciência geográfica ao analisar o espaço, dessa forma vemos que

A Geografia é, assim, o ato de estabelecer limites colocar fronteiras, fundar objetos espaciais, orientá-los ou em poucas palavras, o ato de qualificar o espaço; mas é também simultaneamente a possibilidade de pensar estas ações dentro de um quadro lógico, de refletir sobre esta ordem e sobre seus sentidos. (GOMES, 1997, p. 36).

Uma geografia da existência está preocupada com as ações, que permeiam um quadro lógico, uma realidade material do espaço geográfico, que se organiza pelas ações humanas para dar suporte material as existências das ações futuras.

Apreender a lógica material em que perpassa a ordem espacial deve ir além de uma descrição estática do espaço geográfico, é preciso incorporar a ação humana realizada em cada momento da história, que com o passar do tempo se transforma processualmente, uma vez que

o processo significa a ação que é realizada de modo contínuo, visando um resultado que implica tempo e mudança. Os processos ocorrem no âmbito de uma estrutura social e econômica, resultando de suas contradições internas. Assim, ao considerarmos esses processos em conjunto, podemos analisar os fenômenos espaciais na sua totalidade. (SAQUET; SILVA p.33)

A analisar o espaço geográfico enquanto totalidade

[...] conduz a uma escolha de categorias analíticas que devem refletir o movimento real da totalidade. Devemos levar em consideração além das catego-

rias *tempo* e *escala* que funcionam externamente, as categorias internas *estrutura*, *função*, e *forma*. A noção de *processo* permeia todas as categorias. (SANTOS, 1977, p. 40).

A forma e função nos remetem de imediato a objeto e ações, porém, esses só têm sentido existencial dentro de uma estrutura, porém essa não é estática, devido a existência humana, do ciclo da vida humana, nascer, envelhecer e morrer, e nesse percurso seguimos existindo em liberdade, nos projetando no mundo por nossas escolhas, modificando constantemente a forma de ser-no-espço e simultaneamente formas de ser-do-espço.

A conectividade da forma, função dentro de uma estrutura, conforme mencionamos com a fala de Santos, é permeada pelo processo, a força motriz do movimento do espço geográfico, uma vez que

os processos nada mais são do que uma expressão da totalidade, do que uma manifestação de sua energia na forma de movimento; eles são o instrumento e o veículo da metamorfose de universalidade em singularidade por que passa a totalidade. O conceito de totalidade constitui a base para a interpretação de todos os objetos e forças (SANTOS, 1977, p. 40).

A partir do processo é possível apreender no espço geográfico as categorias de *tempo* e *escala*, pois os processos ocorrem em uma porção do espço por certo período de tempo, a exemplo, uma dada política pública desencadeia um processo de estruturação uma dada área para receber um dado aparato de objetos, formas, para atender a finalidades, funções específicas.

O espço geográfico é em movimento na mesma medida que o ser é em movimento, marcado pela negatividade, ou seja, pelo seu faltante, por exemplo, o espço ainda não turistificado ou um espço ainda não urbanizado, ou seja, nunca estará pronto. O movimento do ser se dá pelo “[...] possível que eu sou e o presente de que fujo acham-se entre si em uma relação entre aquilo que falta e aquilo ao qual falta este faltante” (SARTRE, 2013, p. 258).

Nessa relação dialética temos o espço geográfico sendo o seu possível já realizado em um tempo passado, em coexistência com possibilidade do seu vir-a-ser, ou seja, pelo que ele ainda não é, sua falta, desse modo o espço vai se constituindo em movimento.

A totalização do espço não acontece em analogia à totalização do ser, é na realidade um acontecer solidário e obrigatório, pois ao mesmo tempo em que a

humanidade produz o espço geográfico o espço geográfico produz a humanidade, nesse ponto a citação de Santos (2012c, p.31) é esclarecedora, ao afirmar que

o movimento do espço, isto é, sua evolução, é ao mesmo tempo um efeito e uma condição do movimento de uma sociedade global. Se não podem criar formas novas ou renovar as antigas, as determinações sociais têm de se adaptar. São as formas que atribuem conteúdo novo *provável*, ainda abstrato, a possibilidade de tornar-se conteúdo novo e real.

Uma análise geográfica que se atenha aos processos existenciais que envolvem a totalidade do espço geográfico, como afirma Silveira (2006, p.90) “[...] não pode desconsiderar os aspectos do espço nem continuar a analisá-lo como se fosse estativo”, uma vez que está em constante movimento, tendo o seu futuro definido pelas possibilidades criadas no presente.

## Considerações finais

A cada situação a realidade geográfica se adequa a realidade existencial da sociedade, pois ambas fazem parte do mesmo processo, no mesmo movimento de totalização, ou seja “é a totalidade da existência o que interessa a essa geografia.” (SILVEIRA, 2006, p. 90) nesse caminho a análise geográfica percebe “[...] a existência em situação no seu respectivo período histórico” (*ibidem*, p. 90).

A situação em um dado momento do tempo e do espço revela naquele momento as formas de ser-no-espço e de ser-do-espço, certa estrutura, dotada de formas e funções oriundas de processos relacionados com os projetos existenciais de cada indivíduo que compõem a sociedade.

Dessa forma, os processos são oriundos da condenação à liberdade no espço geográfico, porém, ao falarmos da liberdade do ser no espço geográfico não devemos confundir esta liberdade com a liberdade de Sen (2000) para quem “o aumento da liberdade individual contribui para o desenvolvimento”, pois a liberdade de cada indivíduo não aumenta ou diminui nenhuma desigualdade social.

A liberdade do ser em dada situação implica que “[...] a adversidade de meu meio ambiente impõe-me a obrigação absoluta de suportar a carga total de responsabilidade também pela situação, a qual devo, pois ser, em vez apenas ser *nela*”. (MÉSZÁROS, 2012, p. 189), ou seja, a questão não é aumentar ou diminuir a liberdade para modificar dada situação histórica, mas

sim, assumir a responsabilidade por ela, e a partir da minha liberdade modificá-la.

Assumir a responsabilidade resulta na tomada de consciência dos processos materializantes das estruturas socioeconômicas que funcionalizam as formas no espaço geográfico, isso é um trabalho árduo, e é nesse ponto que os estudos geográficos podem contribuir, destacando a importância do pensamento sartreano na fundamentação de uma filosofia da liberdade, conforme afirma Mészáros (2012, p.13)

sua obra [de Sartre] é de maior relevância precisamente porque ele pôde realçar, mesmo em seus momentos mais obscuros e pessimistas, que *'um futuro vedado ainda é um futuro'*, salientando ao mesmo tempo a responsabilidade direta de cada indivíduo em encarar o desafio histórico correspondente.

Encontrar no espaço geográfico o objeto de estudo da geografia resulta na tomada de consciência do pesquisador frente atual situação, uma vez que “vivemos numa época de crise histórica sem precedentes que afeta todas as formas do sistema capital, e não apenas o capitalismo” (MÉSZÁROS, 2011, p. 21), que as contradições do modo de produção capitalista além de não serem superadas foram reforçadas no final do século XX, levando o mundo em uma espiral de crises econômicas no alvorecer do novo século.

## Referências bibliográficas

GOMES, Paulo César da Costa. Geografia fin-de-siècle: discurso sobre ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 13-42.

\_\_\_\_\_. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. 3 ed. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2010.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Blackwell: Londres, 2007.

LUKÁCS, György. **Existencialismo ou Marxismo?** Ciências humanas Ltda: São Paulo, 1979.

MARTINS, Élvio Rodrigues. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP**: Espaço e Tempo, São Paulo, n.21, pp. 33-51, 2007

MÉSZÁROS, István. **A Obra de Sartre**: busca da liberdade e desafio da história. São Paulo: Boitempo. 2012.

MORAES, Antonio Carlos Robert; COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Crítica**: a valorização do espaço. 3 ed. Hucitec: São Paulo, 1993.

PERDIGÃO, Paulo. **Existência e Liberdade**: uma introdução à filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1995.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Ática: São Paulo, 1993.

SANTOS, Milton. A totalidade do Diabo. In: SANTOS, Milton. **Economia Espacial** - São Paulo: Hucitec, 1977, p.31- 43.

\_\_\_\_\_. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 3ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4ed. São Paulo: Edusp, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 6ed. São Paulo: Edusp, 2012b.

SAQUET, Marcos Aurelio; Sueli Santos da Silva. MILTON SANTOS: concepções de geografia, espaço e território. In: GEO UERJ. Rio de Janeiro, ano 10, v.2 , n.18, segundo semestre de 2008. p. 24-42

SARTRE, Jean-Paul. Jean-Paul SARTRE. In: SARTRE, Jean-Paul; GARAUDY, Roger; HYPOLITE, Jean; VIGIER, Jean-Pierre; ORCEL, Jean. **Marxismo e existencialismo**. Controvérsia sobre a dialética. 3.ed. Tempo brasileiro: Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis: Vozes de bolso, 2012.

\_\_\_\_\_. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. 22 ed. Vozes: Petrópolis, 2013.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVEIRA, Maria Laura. Espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. **GEOUSP**: Espaço e Tempo, São Paulo, n. 19, pp. 81-91, 2006.

